

Começamos pelas aberturas indicadas no título deste livro: *amor ao pensamento* – efeito de um tempo anterior onde a partir *do amor* se chegou *ao pensamento*. Feliz ambigüidade dos termos: início do sujeito como um ato de amor, início do sujeito marcado pelo nascimento do pensamento. Possibilidade de alteridade, de desejo, de direito ao segredo de uma criação absolutamente singular. As duas interpretações são possíveis e absolutamente precisas.

Piera Aulagnier, referência importante para Heitor, já destacara a capacidade e o prazer de pensar como uma condição vital para o funcionamento do Eu: “Deve-se poder preservar um prazer em pensar que não tenha outra razão que o puro prazer de *criar* esse pensamento: sua comunicação eventual e o acréscimo que pode resultar disso devem permanecer facultativos”¹. Este prazer de pensar deverá estar presente, também, como diz Winnicott e reafirma Heitor, no exercício do trabalho analítico: “Se o terapeuta não pode brincar, isto significa que não é feito para este trabalho” (p.17).

Encontrar-se com um pensamento é transformá-lo e ao mesmo tempo deixar-se transformar por ele. É este trabalho de transformação que o autor nos revela a partir de seu encontro com Winnicott. É na inquietação (uma pessoa inquieta, diz Heitor, é uma pes-

O prazer do pensamento – um ato criativo

Resenha de Heitor O’Dwyer de Macedo,
Do amor ao pensamento: a psicanálise, a criação da criança e D.W.Winnicott,
São Paulo, Via Lettera, 1999, 201 p.

soa cheia de vida) para encontrar palavras singulares capazes de descrever as idéias winnicottianas e explicitar seus efeitos, sua produtividade na clínica, sua fundamentação freudiana, sua proximidade ou diferença absoluta com as construções kleinianas ou lacanianas, que Heitor revela-se um estudioso profundo da obra winnicottiana. Apresentando-nos sua criação, demonstra o prazer advindo da capacidade de pensar, analisar e... escrever.

Por que retomar o pensamento de Winnicott? Qual a sua atualidade?

Winnicott, marcado por sua experiência como pediatra, focalizou sua investigação na construção do aparelho psíquico do bebê mostrando o quanto ela estava intensamente ligada às possibilidades e dificuldades oferecidas pelo ambiente. Para ele, a saúde psíquica – ou seja, a continuidade do existir – depende em primeira instância de um ambiente capaz de se adaptar às necessidades do bebê. Só quando isto estiver garantido é que outros processos mais complexos poderão ocorrer. Enfatizou, muitas vezes, a im-

portância do prazer que a mãe tem naquilo que faz para seu bebê e o fato de o bebê ser sensível a essa experiência. Não se trata, no entanto, de uma defesa de situações idealizadas, sempre favoráveis ao surgimento das negações e culpabilizações; pelo contrário, trata-se antes de poder reconhecer também as intrusões, a violência e o ódio para que eles não se transformem num dano psíquico irreversível ou palco de angústias impensáveis.

Em seu trabalho clínico, Winnicott esteve sempre implicado na tentativa de encontrar respostas clínicas originais tanto no manejo do *setting* quanto na busca de dispositivos institucionais mais adequados para o tratamento de certas situações-limite. Sendo um psicanalista envolvido com os efeitos do ambiente sobre o psiquismo, denunciou práticas abusivas e trabalhou ativamente na formação de educadores, pais e psicanalistas. Tinha um estilo muito próprio de apresentar suas idéias e preocupava-se com a pos-

sibilidade de que, em algum momento, se criasse uma escola dita winnicottiana. Para ele o que importava era a capacidade de criar pensamentos e a garantia de um ambiente favorável para sua apresentação e discussão. Um espaço de diálogo entre psicanalistas onde a amizade – descrita por ele como uma criação que pertence à área do brincar – pudesse se fazer presente.

Ora, a clínica contemporânea nos confronta com pessoas atravessadas pela intensidade angustiante das pulsões sem um “espaço” que as contenha, com dificuldades na estruturação do pensamento, impossibilitadas de brincar, de criar, de viver. Subjetividades tomadas pela compulsão, pela satisfação imediata, pela violência, pelo ódio, pela manutenção a qualquer custo de uma imagem. São tempos de narcisismo, de violências, de falta de referências simbólicas, de falta de tempo para a convivência. São tempos de morte.

Retomar Winnicott é dispor-se a pensar sobre as invasões precoces, sobre os riscos de desabamento, sobre a importância dos espaços necessários para a continuidade do existir, sobre uma clínica capaz de dar alguma resposta àqueles que, como diz Heitor, sofrem do amor ferido.

O livro divide-se em duas partes: a primeira propõe um desenvolvimento teórico onde se explicita o título do livro e a segunda – “o pensamento do amor ferido” – trata mais explicitamente da clínica. Divisão que o leitor não precisa respeitar não só porque a clínica estará presente em todos os capítulos mas também porque o texto pode ser lido por diferentes vias e abrir-se, assim, a novas articulações. Alguns aspectos da teoria estão presentes de forma privilegiada: a importância da mãe ambiente na constituição da íntima-intimidade (tradução proposta para *self*), as formas defensivas pelas quais o sujeito tenta proteger seu *self*, a diferença entre *self* e ego e a importância do espaço transicional.

Através de um rigoroso trabalho metapsicológico, Heitor vai explicitando por que não vê oposição entre Winnicott, Freud e Melanie Klein, mas diferenças que devem ser reconhecidas. Diferenças que dizem respeito, por exemplo, aos momentos da constituição psíquica. Há, ainda, discussões pontuais com o pensamento de Lacan; uma crítica ao uso abusivo e generalizado de certos conceitos como a noção de gozo, de encontro com o real, de sujeito suposto saber...

O autor destaca, logo de início, a originalidade de Winnicott no que diz respeito à noção de espaços (com suas lógicas específicas e entrecruzadas) e às relações entre o pensamento, o brincar e a criatividade. Antes de pensar nas pulsões, diz ele, é preciso supor um espaço em que estas pulsões possam ser reconhecidas como existentes. É preciso pensar na precedência lógica de um lugar capaz de conter a intensidade do processo maturacional.

Lógica de espaços diferenciados – o espaço do ambiente materno, o espaço do desenvolvimento do bebê e o espaço intermediário que comporta os fenômenos e os objetos transicionais – que implica também uma diferenciação temporal, uma certa cronologia que, paradoxalmente, não exclui sua simultaneidade no momento da experiência. A importância contida na lógica desses espaços evidencia-se no destaque dado por Heitor à primeira identificação: “a primeira identificação é a identificação com um lugar” (p. 27). Lugar dado anteriormente ao surgimento do bebê, pelo desejo que o engendrou e pela história que o precedeu. Isto, porém, não implica a idéia de um bebê passivo que se aloja num lugar anterior à sua existência. Pelo contrário, este é um momento de grande atividade psíquica; momento em que o bebê se ocupa com a criação do mundo.

Esta construção acerca daquilo que se passa nas primeiras experiências da vida, e que revela a dependência absoluta do lactente em relação ao ambiente – momento precoce onde o ego da mãe vem suprir o do bebê – abre-se como via de pesquisa para o que se passa na relação analítica. Na apresentação de breves fragmentos clínicos, vislumbra-se a possibilidade de reconhecer a falta de amparo do ambiente original. O analista é convocado para um lugar de sintonia absoluta com o que é vivido e relatado pelo paciente – lógica de tempo e de espaço própria da dependência absoluta dos primeiros tempos.

O diálogo entre Winnicott e Melanie Klein é tomado mais explicitamente a partir do “estado de inquietude” – termo proposto por Winnicott para pensar o conceito kleiniano da “posição depressiva”. Para ele, a posição depressiva seria posterior à integração total e só ocorre se o bebê está sendo adequadamente amparado. Embora utilize o conceito e tente explicitá-lo, Winnicott prefere falar de estado de inquietude, inquietude marcada pela passagem do amor impiedoso para o estado de compaixão, de consideração pelo objeto. Só a partir disso se poderia, de verdade, falar de ódio. Neste desenvolvimento, Heitor marca o apoio de Winni-

cott em Freud e retoma a afirmação presente no texto “As pulsões e seus destinos”: “Não se pode considerar que as atitudes de amor e ódio caracterizam a relação das pulsões com seus objetos, mas que elas estão reservadas às relações do ‘ego global’ (ou seja, de uma pessoa total) com os objetos” (p. 48).

Amor e sexualidade aparecerão imbricados com as lógicas diferentes entre os cuidados de uma mãe de amor e uma mãe da paixão. A separação necessária entre a mãe de amor e a mãe pulsional, entre espaço de amor e espaço da sexualidade, constitui-se como uma travessia estruturante para o bebê. As formas diferenciadas das articulações possíveis aparecerão na clínica circunscrevendo especificidades próprias do campo das neuroses, das perversões ou das psicoses.

Momento difícil do texto. Difícil em sua elaboração e em sua complexidade pois se trata justamente de precisar metapsicologicamente conceitos pelos quais muitas vezes Winnicott é criticado – o lugar do pulsional, do amor e do ódio, da sexualidade infantil, das fantasias, o que entende por necessidades (que normalmente distingue com um adjetivo – necessidades psíquicas) e sua noção de ambiente que está longe de poder ser lida como restrita a aspectos psicológicos. Veja-se, por exemplo esta afirmação: “Apesar dos melhores cuidados do mundo, cada criança está

exposta a distúrbios associados aos conflitos ligados à vida pulsional. [...] No estado normal, conseqüentemente, será necessário que as dificuldades pessoais encontrem sua solução no interior da criança e não será possível evitá-las com cuidados bons. É, em contrapartida, possível prevenir distorções precoces” (p.64).

Estes desenvolvimentos teóricos são expandidos em sua dimensão clínica quando Heitor se detém sobre situações nas quais, devido às intrusões do ambiente, não foi possível ao sujeito humano a distinção entre fato e fantasia. Trata-se da clínica do ódio e estamos diante de pacientes descritos como *borderlines*, tipos “*self-falsificados*” e dos que se revelam como potencialidades psicóticas. Pensando no ambiente de violência e luta em que viveram, Heitor os denomina de *filhotes de dinossauro*; “para eles viver é estar em perigo de morte” (p.70). Criam-se situações clínicas bastante difíceis, pois as ameaças de abandono e ataque à análise são constantes. No campo transferencial, um interjogo paradoxal e delicado: o analista é colocado no lugar de uma criança, não a criança que o paciente foi, mas a que se refere à futura geração. A partir des-

ta montagem, o paciente poderá reconhecer sua própria violência e aceitar enfrentar o fato de que “o ódio do qual foi objeto existiu *inicialmente* na realidade psíquica de um outro” (p.78). Abrem-se, então, outras possibilidades. Momentos de prazer na fala e na escuta. Momentos de instauração do espaço transicional.

“[...] trata-se de poder falar do nada nas sessões, o que corresponde a um *exercício do supérfluo*. Para isso é preciso que o analista possa, de seu lado, experimentar prazer (o que às vezes supõe um trabalho importante) para transformar o nada – cuja existência ainda é do necessário – na historicização da *banalidade* do cotidiano” (p.79). É nesse assinalamento insistente e delicado daquilo que se vive no cotidiano da clínica que se pode reconhecer outra via importante do trabalho de Heitor ao longo deste livro: sua preocupação com a especificidade da transferência; seu olhar inquieto para a cena que se monta na intimidade desse encontro entre um analista e seu analisando. Esta preocupação, aliás, já se fazia presente em seu livro anterior *Ana K – A história de uma análise*².

Introduzindo o tema da defesa maníaca e da regressão, o autor põe em relevo duas preocupações maiores de Winnicott em sua descrição dos processos psíquicos do recém-nascido (até que a posição depressiva tenha sido elaborada): o caráter virtualmente assustador da pulsão e as condições

necessárias para que a pulsão não seja assustadora. Uma das defesas possíveis contra as intrusões ou inadequações do meio ambiente – não nos esqueçamos que neste momento o bebê e a mãe não existem separados – é a defesa maníaca.

A defesa maníaca ocupa um lugar central no trabalho de Winnicott pois ela pode funcionar como uma forma de denegação da realidade interna e deixar o sujeito exposto a angústias impensáveis, de aniquilamento, vazio ou irrealidade, impossibilitando-o de se sentir vivo. No manejo da transferência, a regressão permitirá o descongelamento e a elaboração dessas experiências terroríficas iniciais. No entanto, ressalta Heitor, a defesa maníaca não tem só a função de possibilitar uma fuga diante de uma realidade assustadora; tem também um lado positivo – protege o lugar da mais íntima intimidade – o *self*.

Mas como entender na concepção winnicottiana o lugar dado ao *self*, ao *self verdadeiro* e ao *self falsificado* (na tradução proposta por Heitor), e à sua diferenciação do ego? E em que momento e em que espaço se constitui o pensamento?

Para explicitar esses conceitos, Heitor, logo de início, esclarece que “se a lógica do espaço materno, ao se adaptar à lógica do espaço do recém-nascido, permite a constituição desta singularidade, desta íntima-intimidade que Winnicott chama de *self*, o ego apóia e retoma, para si, o amparo, o manejo e outras técnicas do cuidado materno com a função precisa de proteger no sujeito a existência do *self*. Nesta concepção, o ego não tem sua origem associada à imagem, mas à necessidade de um sistema de proteção. Ele é, inicialmente, um pára-excitação” (p. 104).

É necessário tempo para que a criança se sinta segura de suas conquistas e para que o ego tome para si as técnicas dos cuidados maternos. Nesse processo, os diferentes núcleos do ego vão se integrando, estabelece-se uma fronteira que separa o espaço do dentro do de fora e o ego se constitui de uma maneira global, o que implica que o bebê seja capaz de se sentir como uma pessoa total. É só então que se pode experienciar o ódio e os processos mais elaborados de pensamento. Nas primeiras trocas com o ambiente, no entanto, é possível falar de um pensamento primário pertencente ao *self* primitivo. É o momento da ilusão

– momento em que se junta o real da experiência com a *idéia* que o recém-nascido tem de que pode criar esta experiência. Momento em que o ego é solidário ao *self*, facilitando uma integração maior entre o psiquismo e a experiência do real.

A importância dos processos de integração tanto no que se refere à organização de um ego total, quanto no estabelecimento de uma realidade interna, não exclui a continuidade das experiências decorrentes de um estado de não-integração. Pelo contrário, um sujeito que realizou sua integração conhece a *necessidade* de enriquecer sua relação com o mundo a partir de um estado de não-integração. As experiências vividas nesse estado de não-integração caracterizam o que Winnicott chama de *orgasmo do ego* – “o encontro pelo qual o sujeito transforma a existência do mundo em uma criação do mundo” (p.117) - e nos remetem à sua *idéia* do espaço transicional.

“É no interior deste espaço que se situam os jogos da criança, portanto seu pensamento e, mais tarde, a experiência da arte, da criação científica, da cultura em geral” (p. 130). Situações de sofrimento e dor ou de intrusões do ambiente podem impedir a constituição desse espaço intermediário, surgindo uma dissociação – o *verdadeiro self* e o *self falsificado* (falsificado pelo próprio sujeito para proteger sua íntima intimidade).

Uma das defesas secundárias da dissociação é o fantasiar

(aqui traduzido por devaneio). O fantasiar³ é uma criação teórica de Winnicott bastante produtiva na clínica – ela se faz presente nesses pacientes que “fazem tudo” sem nada fazer; de uma maneira geral ela pode servir para evitar o pensamento de desprazer, o sonho, a imaginação e a fantasia.

É também no quadro do espaço e dos fenômenos transicionais que se pode compreender toda a abrangência do valor do momento da interpretação dentro de uma análise. O que estabelece o espaço intermediário, dentro de uma análise, é a interpretação, diz Heitor. E ele prossegue com uma afirmação bastante ousada: o investimento da análise é, para o psicanalista, o espaço transicional em que ele condena à morte seu próprio objeto melancólico. As conseqüências dessas afirmações ligam-se diretamente à capacidade de pensar. “Criar é pensar” (p.141).

Seguindo as propostas de Heitor, podemos dizer que analisar é criar novos pensamentos e que ler um texto psicanalítico é abrir a possibilidade de sua transformação. É o que ele demonstra quando retoma a análise do “caso Dora” e reinterpreta o impasse traumático da cena de sedução com o sr. K e com Freud. Ou quando discute o

tema da sedução dentro da cena analítica, propondo uma reflexão sobre os impasses históricos da feminilidade.

Ao final do livro, um corte de cenas. Uma nova construção – dramatização. Partindo de uma referência ao teatro de Brecht onde cada elemento tem sua autonomia e função específica e onde o inesperado e os opostos podem sempre se fazer presentes, Heitor situa o lugar do atendimento de crianças na formação do psicanalista. Retorno ao início – *a criança e a criação*.

O leitor é convidado a ocupar o lugar de espectador. No palco três cenas clínicas. Na primeira, o atendimento de uma criança enurética de 11 anos, por Francoise Dolto, no hospital Trousseau. Na segunda, o atendimento feito por Heitor, de um casal de pais e uma jovem classificada como esquizofrênica⁴. A terceira cena retoma o palco da primeira: o hospital é Trousseau, a analista é Francoise Dolto e a atriz principal é uma menina de 9 anos que ficou muda aos 4, após ter testemunhado relações sexuais entre sua mãe e um cliente.

Por que terminar este livro com uma referência à clínica com crianças? Com a palavra o autor: “[...] a psicanálise com crianças está no cerne mesmo da prática clínica, aí onde a maior disponibilidade acompanha um igual rigor teórico e toda a inventividade, sem a qual este ofício tende ao mortífero do dogma” (p. 199).

E por que a referência a Brecht? Porque nele se revela, também, a potência e o prazer do pensamento criativo. Heitor nos apresenta a montagem brechtiana estendendo-a à cena analítica: no interior de cada cena, cada personagem terá sua função redefinida e a cada vez se enfatizará o conflito, ou um detalhe ou uma situação problemática. Ao espectador (ou analisando) deve-se o respeito de supor que ele possa pensar e de que se criem as condições para que o pensamento possa ser despertado.

As condições estão dadas. Que cada leitor faça de sua leitura uma inquietação.

NOTAS

1. P. Aulagnier, *Um intérprete em busca de sentido – I*, São Paulo, Escuta, 1990, p. 263.
2. H. Macedo, *Ana K – A história de uma análise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
3. Winnicott faz uma distinção entre fantasiar e fantasia. O termo já está bastante difundido entre nós e portanto, seria mais adequado mantê-lo na tradução para o português do que utilizar a *idéia* do devaneio que nos aproxima muito da *idéia* produtiva do sonho e do recalçamento – conotação não presente no conceito de fantasiar. Para uma compreensão melhor do conceito veja-se o texto de Winnicott: “Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária”, in *O brincar & a realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975, pp. 45-58.
4. Situação relatada mais detalhadamente em *Ana K – A história de uma análise*

Maria Laurinda Ribeiro de Souza é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e professora do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.